

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

FEDON: UM ESTUDO SOBRE O CORPO EM PLATÃO

João Pedro Magalhães ferreira (PIBIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus de Paranavaí, jpferreiramagalhaes@gmail.com
Drº Meire Aparecida Lóde Nunes (Orientador), meirelode@gmail.com
Unespar/Campus de Paranavaí

Palavras-chave: Educação. Corpo. Platão.

INTRODUÇÃO

O nosso objetivo, neste texto, foi de estudar o diálogo de Platão *Fédon* com o propósito de refletir sobre o conceito de corpo e como ele se insere, na perspectiva do filósofo no processo de formação do homem grego. A nossa proposta de pesquisa está inserida em um projeto maior¹ que tem como centralidade investigativa a tríade Educação/História da Educação/Educação Física. A reflexão a respeito dos conceitos e definições de Educação nos leva a entendê-la como um processo destinado à formação do homem: desde as sociedades primitivas, sua finalidade é a formação das novas gerações. Com a intencionalidade de criar hábitos que favoreçam o convívio com outros homens e com o meio circundante, o processo é realizado por meio de uma instrução, no qual são envolvidos todos os segmentos sociais e não exclusivamente as instituições destinadas à esse fim. Assim, entendemos a Educação como um processo de formação humana que se aproxima do pensamento de Erasmo de Rotterdam (1476-1536) que menciona que o homem nasce inacabado e é pela educação que ele se aperfeiçoa.

Com relação a educação corporal, Bracht (1999) indica que a educação corporal deve ser pensada dentro do contexto da educação porque a educação corporal é educação do comportamento que, por sua vez, não é corporal, e sim humano. Assim, educar o comportamento corporal é educar o próprio homem.

Todavia, os valores que interferem na constituição dos hábitos são decorrentes de cada contexto histórico. Assim, se queremos pensar a Educação e a Educação Física precisamos entender seus antepassados, a História. Para atingirmos esse objetivo, nos reportamos aos clássicos, pois muitos dos

¹ Nos referimos ao LEC – Laboratório de Estudos Corporais – que tem como objetivo propiciar aos acadêmicos do curso de Educação Física da Unespar, Campus de Paranavaí, um espaço da leitura, reflexões e discussões que instigue o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos que expressem a inter-relação: Educação, Educação Física e corpo nas épocas Antiga e Medieval.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

conceitos contemporâneos ainda carregam heranças dos pensadores aceitos pela tradição história, como a dualidade platônica.

Por motivos didáticos, dividimos nosso estudo em três (3) momentos, iniciamos com algumas considerações sobre Platão, na sequência apresentamos o estudo do diálogo *Ménon* que tem o propósito de entender como o filósofo concebia o ensino e o conhecimento; após nos dedicamos ao diálogo *Fédon*, no qual podemos evidenciar a compreensão de Platão sobre o corpo. Encerramos nossa abordagem com algumas inferências sobre os diálogos estudados.

METODOLOGIA E ESTRATEGIA DE AÇÃO

Nossas investigações direcionadas pela perspectiva histórica que tem como objeto de estudo o homem, como nos mostra Marc Bloch “[...] são exactamente os homens que a história pretende apreender” (BLOCH, 1974, p. 28).

Nossa pesquisa se caracteriza como bibliográfica que, segundo Marconi e Lakatos (2007), é um estudo realizado por meio de fontes bibliográficas como livros, artigos científicos, jornais, revistas e outros materiais do gênero.

3 Desenvolvimento

3.1 Platão e seu contexto

Platão nasceu em 427 a. C em uma importante família aristocrata ateniense. Era filho de Aristo, descendente do rei Codro – fundador de Atenas - e de Perictiona, descendente de Sólon. Seus dois irmãos, Adimanto e Glauco ficarão conhecidos como personagens dos diálogos *Republica* e *Banquete*. O sobrinho Antifão, filho de sua irmã Potonè, será o narrador do diálogo *Parmênedes*.

Durante sua vida, Platão viveu mais de uma realidade ateniense, ou seja, sua glória e sua decadência. Chauí explica que Platão nasceu no Século de Péricles, momento da expansão da cidade rica e poderosa. Sua juventude e maturidade foi na Atenas que estabelecia e desfazia alianças com outras cidades para tentar vencer Esparta na Guerra do Peloponeso. Quando Platão morreu em 347 a.C, aos 81 anos, Atenas estava em decadência, prestes a ser vencida por Felipe da Macedônia.

Sobre a educação de Platão, Chauí menciona que:

Recebeu a educação tradicional dos jovens aristocratas de Atenas: o ginásio, para a formação do guerreiro belo; a música e os poetas, para formação do guerreiro bom. Ao mesmo tempo, estando destinado, como todo cidadão, a participar da vida

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

política e, como aristocrata, a lutar pelo poder, frequentou os sofistas para aprender retórica. Segundo alguns, teria sido aluno de Crátilo, discípulo de Heráclito, cujas ideias teria conhecido por meio de seu professor. Aos 20 anos, levado por amigos, passou a frequentar o círculo de Sócrates, tornando-se seu discípulo mais importante. (CHAUÍ, 2002, p. 212)

Entendemos que o contexto vivenciado por Platão, bem como sua educação, influenciaram o pensamento do filósofo grego que foi lido e relido em diferentes momentos histórico e que podemos começar a conhecê-lo por meio da alegoria da caverna. No Livro VII da República, Platão escreve um diálogo entre Glauco e Sócrates que trata do conhecimento. Sócrates pede para Glauco imaginar uma moradia subterrânea com apenas uma entrada de luz, onde homens que lá viviam desde a infância estavam acorrentados pelas mãos, pernas e pescoço. A luz que esses homens recebem vem de uma fogueira que está atrás deles, depois de um pequeno muro que estabelece o limite da caverna. Sócrates pede para que Glauco imagine: “[...] ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transmitem: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio” (PLATÃO, *Republica*, Livro VII). Na sequência, Sócrates inquiriu Glauco levando-o a entender que os homens vem as sombras dessas imagens que são projetadas na parede do fundo da caverna e que eles entendem que sejam coisas reais, verdadeiras. Esse estado dos homens é entendido como de ignorância, o qual pode ser superado com a saída da caverna. Essa é a situação que Sócrates pede para Glauco imaginar:

[...] Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçada e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que as objetos que lhe mostram agora? (PLATÃO, *Republica*, Livro VII)

A seguir Sócrates, diz que depois de se deparar com a luz do sol, que o incomodará de imediato, o fugitivo se acostumará e poderá distinguir as sombras, as imagens dos homens e demais objetos e “Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu da que, durante o dia, o Sol e a sua luz” (PLATÃO, *Republica*, Livro VII). Por último, Sócrates, menciona que será o próprio Sol – entendido como a causa de tudo - que poderá ser contemplado.

Após a apresentação da alegoria, Platão busca estabelecer a sua relação com a realidade de forma muito clara na fala de Sócrates:

Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

opinião é esta: no mundo inteligível, a idéia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberana da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública. (PLATÃO, *Republica*, Livro VII)

Nessa passagem, fica-nos evidente a teoria de Platão acerca da existência de dois mundos: o inteligível e o sensível. O conhecimento que todos os homens buscam está no mundo inteligível, pois o mundo em que vivemos somente existe sombras. Face a essa premissa, desenvolvem-se as questões filosóficas de Platão, entre as quais destacamos a importância do corpo nesse processo de aquisição do conhecimento o que procuramos desenvolver por meio da leitura de dois (2) diálogos *Menon* e *Fedon*. No primeiro, nosso objetivo é compreender como o filósofo entende o conhecimento e como é seu processo de aquisição; no segundo nossa intenção é compreender como o corpo é entendido pelo filósofo. Assim, passamos na sequência, ao estudo de *Menon*.

3.2 Menon

No diálogo *Menon*, Platão se dedica ao saber, o qual é entendido como virtude. Jaeger (1986) menciona que esse é o primeiro diálogo que trata da importância do saber-virtude. Isso fica-nos claro no início do diálogo quando *Menon* questiona Sócrates: “Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira?” (PLATÃO, *Menon*)

Sócrates não responde a pergunta de *Menon* dizendo que não é possível saber se a virtude é coisa que se aprende ou não, sem antes saber o que é virtude. Assim, o desenvolvimento do diálogo se inicia quando Sócrates menciona que não conhece ninguém que saiba o que é virtude e *Menon* responde que isso é fácil e na sequência começa a falar qual é a virtude do homem, da mulher e da criança. Diante da resposta de *Menon*, Sócrates que procurava uma virtude e não várias, assim, tanto a do homem como da mulher dever ter um caráter único e é isso que ele procura entender. Depois de Sócrates inquirir *Menon* é criticado pelo inquirido por ele mesmo também entrar em aporia. Sócrates admite não saber o que é virtude, mas se propõe a investigar junto com *Menon*, o qual diz como ser possível procurar algo que não se conhece. Nesse momento do diálogo podemos observar a teoria do conhecimento sendo apresentada.

Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas ‘que estão’ aqui quando as ‘que estão’ no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela recordar aquelas coisas justamente que já antes conhecia. Pois, sendo a natureza toda congênere e tendo a alma aprendido todas as coisas, nada impede que, tendo ‘alguém’ lembrado uma só coisa fato esse precisamente que os homens chamam aprendizado – essa pessoa

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

descubra todas as outras coisas, se for corajosa e não se cansar de procurar. Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração. Não é preciso então convencer-se daquele argumento erístico; pois ele nos tomaria preguiçosos, e é aos homens indolentes que ele é agradável de ouvir, ao passo que este ‘outro argumento’ faz-nos diligentes e inquisidores. Confiando neste como sendo o verdadeiro, estou disposto a procurar contigo o que é a virtude. (PLATÃO, *Menon*,)

Nessa passagem podemos verificar que para Platão a alma é imortal por isso ela pode procurar algo que, aparentemente, o homem não conhece, pois antes de nascer contemplou/aprendeu todas as coisas mas, quando a alma se uniu ao corpo, esqueceu de tudo que conhecia. Assim, a aquisição do conhecimento, ou o aprendizado, é o processo da rememoração como podemos observar quando Sócrates responde a Mênon: “[...] eis agora que me perguntas se posso te ensinar – a mim, que digo que não há ensinamento mas rememoração [...]” (PLATÃO, *Menon*,). Essa tese, Sócrates vai explicar a Menon inquirindo um de seus escravos uma questão da geometria. No final da inquirição e, depois do escravo ter passado pela aporia, fica explícito que foi o próprio escravo que chegou ao conhecimento, o qual já estava dentro dele próprio.

Mênon retoma a questão inicial sobre a virtude e Sócrates diz que, como eles não chegaram a uma conclusão sobre o que ela é, vai investigar por meio de hipótese, ou seja, se virtude for ciência ela é ensinada, mas se for outro tipo de coisa não.

Ciência é sentida como sempre um *bem*. No entanto, o bem pode se tornar nocivo, como por exemplo, a coragem quando usada em desmedida. A coragem deve ser submetida a razão para não provocar danos. Nesse momento, parece que a compreensão da virtude está próxima, como nos mostra o excerto a baixo:

E, em suma, todas as coisas que a alma empreende e todas as que ela suporta, não é verdade que, se é a compreensão que dirige, levam à felicidade, se é a incompreensão, levam ao contrário disso?

Men –Parece.

So. Se por conseguinte a virtude é alguma coisa entre as que estão na alma, e se lhe é necessário se ‘algo’ proveitoso, é preciso que ela seja compreensão, uma vez precisamente que todas as coisas referentes à alma, em si mesmas, não são proveitosas nem nocivas, mas tornam-se proveitosas ou nocivas conforme as acompanhe a compreensão ou a incompreensão. Segundo esse argumento, sendo a virtude certamente proveitosa, é preciso que seja uma certa compreensão. (PLATÃO, *Menon*,).

A virtude, portanto, é entendida como a compreensão/razão ela está na alma e conduz o corpo que é irracional. Assim, a virtude não é por natureza e sim ciência, mas nessa afirmação existe a contradição, pois se é ciência é preciso professores. Sócrates pergunta se queremos que uma pessoa se torne um médico, o enviamos para aprender a medicina com um médico, o mesmo com um sapateiro e demais profissões. O mesmo deve se proceder com a virtude ou seja, quando o desejo é de formar alguém virtuoso deve-se envia-lo a um mestre de virtude, mas quem é ele? A possibilidade apresentada por Sócrates se refere aos sofistas, mas logo é descartada, como nos mostra Jeager:

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

[...] a nova paidéia não é suscetível de 'ensino', tal como os sofistas o concebiam, e deste ponto de vista Sócrates tinha razão ao negar a possibilidade de educar os homens pelo simples fato de instruí-los. Porém, ao assentar o princípio de que a virtude tinha necessariamente de consistir num saber, e ao encetar a caminhada para este saber, parecia como o único verdadeiro educador, em vez dos pseudoprofetas da sabedoria popular. (JEAGER, 1986 [S/P])

Já que não há professores de virtude essa pode ser adquirida por opinião correta. O diálogo é finalizado sem que cheguem a uma conclusão. Como explica Jaeger:

[...] ao terminar Menon, continuamos, aparentemente, no mesmo lugar em que estávamos no Protágoras. Mas isto é só aparência, pois na realidade o novo conceito do saber que com auxílio dos exemplos matemáticos adquirimos na parte central do Menon abre-nos as perspectivas para um tipo de conhecimento que não é suscetível de ser ensinado do exterior, mas nasce na própria alma de quem o inquire com base numa orientação correta do seu pensamento. (JEAGER, 1986 [S/P])

No entanto fica-nos evidente que para Platão o processo do conhecimento está relacionado com a teoria da imortalidade da alma, a qual será examinada no diálogo *Fédon*.

3.3 Fédon

O diálogo se inicia com Equecrátes perguntando a Fedon sobre as circunstâncias da morte de Sócrates, pois somente o que sabia é que tinha sido condenado a tomar veneno o que demorou muitos dias. Fedon explica que a demora foi porque o julgamento foi na véspera do coroamento do navio que é enviado a Delo:

Fedão - Segundo os Atenienses, é o navio em que outrora Teseu levou para Creta as duas septenas de jovens, moços e moças, que ele salvou, salvando-se também. Nessa ocasião, segundo contam, prometeram a Apolo enviar anualmente uma deputação a Delo, no caso de se salvarem, e até hoje todos os anos vão em romaria à divindade. Desde o início dos preparativos da viagem, determina a lei que se proceda à purificação do burgo, não sendo permitido executar ninguém por crime público antes de chegar a Delo o navio e retornar de lá. Por vezes esse prazo fica muito dilatado, quando os ventos são adversos. O início da peregrinação é contado a partir do momento em que o sacerdote de Apolo coroa a popa do navio, o que se deu, conforme disse, na véspera do julgamento. Esse o motivo de ter estado Sócrates tanto tempo na prisão, desde o julgamento até à morte. (PLATÃO, *Fedon*,)

Equecrátes continua perguntando sobre os detalhes que sucederam e pede para Fedon contar minuciosamente os acontecimentos e ele o atende iniciando-se, assim, a narrativa.

Fedon conta que Sócrates estava muito feliz o que se expressa nos gestos e nas palavras o que foi testemunhado por Apolodoro, Critobulo, Hermógenes, Epígenes, Ésquines, Antístenes, Ctesipo de Peânia Menéxeno e os estrangeiros Tebanos Símiás, Cebete e Fedondes de Tebas, Euclides e Térpsio de Mégara. Platão não estava presente porque encontrava-se doente. Os amigos de Sócrates iam todos os dias visitá-lo e lá conversavam sobre filosofia e no último dia de vida do mestre não foi diferente. Logo que chegaram encontraram Sócrates que acaba ser libertado das correntes que o prendiam e nesse momento já inicia-se as lições filosóficas sobre sofrimento e prazer:

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Como é extraordinário, senhores, o que os homens denominam prazer, e como se associa admiravelmente com o sofrimento, que passa, aliás, por ser o seu contrário. Não gostam de ficar juntos no homem; mal alguém persegue e alcança um deles, de regra é obrigado a apanhar o outro, como se ambos, com serem dois, estivessem ligados pela cabeça. Quer parecer-me, continuou, que se Esopo houvesse feito essa observação, não deixaria de compor uma fábula: Resolvendo Zeus pôr termo as suas dissensões contínuas, e não o conseguindo, uniu- os pela extremidade. Por isso, sempre que alguém alcança um deles, o outro lhe vem no rastro. Meu caso é parecido: após o incômodo da perna causada pelos ferros, segue-se-lhe o prazer. (PLATÃO, *Fedon*)

A próxima questão a ser trabalhada é decorrente da pergunta que Cebete faz a Sócrates: “Por que disseste, Sócrates, que não é permitido a ninguém empregar violência contra si próprio, se, ao mesmo tempo, afirmas que o filósofo deseja ir após de quem morre?” (PLATÃO, *Fedon*). Sócrates responde Cebete dizendo que os homens são propriedades dos deuses e faz a seguinte analogia:

Tu também, continuou, na hipótese de algum dos teus escravos pôr termo à vida, sem que lhes houvesse dado a entender que estavas de acordo em que se matasse, não te aborrecerias com ele, e se fosse possível, não o punirias? Sem dúvida, respondeu. Por conseguinte, não acho absurdo ninguém poder matar-se sem que a divindade o coloque nessa contingência, como é o nosso caso agora. (PLATÃO, *Fedon*)

Cebes aceita o argumento de Sócrates contra o suicídio, mas o questiona sobre a aceitação da morte. A argumentação é construída entendendo que se os homens pertence aos deuses que são os melhores guardiões, porque se alegrar por perder essa tutela com a morte? Sócrates responde dizendo que acredita que depois da morte ele deverá se juntar com deuses que são excelentes amos e que o destino para aqueles que são bons é melhorar do que para os maus. Dessa forma, entram na questão sobre a morte como libertação do pensamento:

IX - Embora os homens não o percebam, é possível que todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia, a nada mais aspirem do que a morrer e estarem mortos. Sendo isso um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa o filósofo toda a vida, ao chegar esse momento, insurgir-se contra o que ele mesmo pedira com tal empenho e em pós do que sempre se afanara. (PLATÃO, *Fedon*)

Para mostrar que o filósofo passa a vida se preparando para a morte, Sócrates esclarece que a morte nada mais é que a separação da alma do corpo e pergunta para o discípulo se o verdadeiro filósofo se preocupa com sua alimentação ou vestimenta que são coisas relativas ao corpo. A resposta é negativa, indicando que o filósofo não se preocupa com o corpo, mas com o progresso da alma. O corpo, inclusive, constitui ao filósofo um entrave para a aquisição da verdade.

X - E como referência à aquisição do conhecimento? O corpo constitui ou não constitui obstáculo, quando chamado para participar da pesquisa? O que digo é o seguinte: a vista e o ouvido asseguram aos homens alguma verdade? Ou será certo o que os poetas não se cansam de afirmar, que nada vemos nem ouvimos com exatidão? Ora, se esses dois sentidos corpóreos não são nem exatos nem de confiança, que diremos dos demais, em tudo inferiores aos primeiros? Não pensas desse modo? (PLATÃO, *Fedon*)

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Dessa forma, a alma do filósofo deve se afastar do corpo, pois esse só engana o distanciando da verdade como pode ser observado na explicação de Sócrates:

Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada disso a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade. (PLATÃO, *Fedon*)

A ideia geral de Platão com relação ao corpo no processo de aquisição do conhecimento é explicada por Sócrates ao mencionar que deve haver uma forma de se chegar a verdade que não dependa do corpo, pois esse, devido suas necessidades físicas como a alimentação e a aquisição de doenças participa negativamente no processo do conhecimento. São apresentadas várias situações em que o corpo, para o filósofo, representa um empecilho a aquisição da verdade.

XI - Com amores, receios, cupidez, imaginações de toda a espécie e um sem número de banalidades, a tal ponto ele nos satura, que, de fato, como se diz, por sua causa jamais conseguiremos alcançar o conhecimento do que quer que seja. Mais, ainda: guerras, batalhas, dissensões, suscita-as exclusivamente o corpo com seus apetites. Outra causa não têm as guerras senão o amor do dinheiro e dos bens que nos vemos forçados a adquirir por causa do corpo, visto sermos obrigados a servi-lo. Se carecermos de vagar para nos dedicarmos à Filosofia, a causa é tudo isso que enumeramos. O pior é que, mal conseguimos alguma trégua e nos dispomos a refletir sobre determinado ponto, na mesma hora o corpo intervém para perturbar-nos de mil modos, causando tumulto e inquietude em nossa investigação, até deixar-nos inteiramente incapazes de perceber a verdade. (PLATÃO, *Fedon*)

Sócrates afirma, portanto, que se o homem não se separar do corpo não alcançara a verdade das coisas, ou, a sabedoria. Nesse momento, evidencia-se a causa de seu comportamento tranquilo diante da morte, pois, para o homem só há duas possibilidades: “jamais conseguiremos adquirir esse conhecimento, ou só o faremos depois de mortos, pois só então a alma se recolherá em si mesma, separada do corpo, nunca antes disso”. No entanto, Cebes questiona como Sócrates pode afirmar que depois da morte a alma não desapareça e continue tendo atividade pensante. Primeiramente, Sócrates procura responder a questão sobre a existência da alma depois da morte por meio do pensamento de que tudo existe a partir de seu contrário – o sonho só existe porque existe o seu contrário que é a vigília. Assim, o contrário da vida é a morte, sendo a alma ‘morta’ que origina a alma ‘viva’, se nasce pessoas é porque existem mortos. A esse argumento, insere-se a compreensão do conhecimento como reminiscência, para provar a imortalidade da alma. A qual é explicada da seguinte forma:

E não sabes o que se passa com os amantes, quando vêem a lira, a roupa, ou qualquer outro objeto de uso de seus amados? Reconhecem a lira e formam no espírito a imagem do mancebo a quem a lira pertence. Reminiscência é isso: ver alguém freqüentemente a Sírias e recordar-se de Cebete. Há mil outros exemplos do mesmo tipo. (PLATÃO, *Fedon*)

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

No entanto, o que possibilita a reminiscência é o reconhecimento das igualdades e desigualdades, mas antes que os órgãos dos sentidos consigam estabelecer essas aproximações ou distanciamentos é necessário um conhecimento anterior do que é igual.

XX - Logo, se o adquirimos antes do nascimento e nascemos com ele, é porque conhecemos antes do nascimento e ao nascer tanto o igual, o maior e o menor, como as demais noções da mesma natureza. Pois tanto é válido nosso argumento para a igualdade como para o belo em si mesmo e o bem em si mesmo, a justiça, a piedade e tudo o mais, como disse, a que pusemos a marca de o próprio que é, assim nas perguntas que formulamos como nas respostas apresentadas. A esse modo, adquirimos necessariamente antes de nascer o conhecimento de tudo isso. (PLATÃO, *Fedon*)

Dessa forma, fica-nos evidente o conceito de conhecimento para Platão que, nada mais é do que recordar o que já era conhecido antes do nascimento. Assim, conhecimento é reminiscência. Com relação ao corpo e o processo de aquisição do conhecimento o filósofo menciona que há duas espécies de coisas: visíveis e invisíveis. As visíveis são as que se captura pela visão, portanto pertence ao corpo, enquanto que as invisíveis são capturadas pelo pensamento, e pertencem a alma.

XXVIII - Examina agora a questão da seguinte maneira: enquanto se mantêm juntos o corpo e a alma, impõe a natureza a um dele obedecer e servir e ao outro comandar e dominar. Sob esse aspecto, qual deles se assemelha ao divino e qual ao mortal? Não te parece que o divino é naturalmente feito para comandar e dirigir, e o mortal para obedecer e servir? (PLATÃO, *Fedon*)

Assim, o corpo que é visível e pertence a humanidade, após a morte, o cadáver, se decomporá enquanto que alma que é próxima do divino permanecerá existente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo podemos verificar que em *Menon* Platão apresenta seu pensamento sobre o conhecimento, o qual, para ele, pode ser entendido como reminiscência. O homem recorda, recupera, o que já conhecia antes do nascimento. Essa teoria pode ser compreendida no diálogo *Fedon* por meio da doutrina da imortalidade da alma. Após a morte, a alma continua a existir, enquanto o corpo que é mortal se desfaz. Nessa perspectiva, podemos perceber que o corpo era Platão é um empecilho para o conhecimento, ou aquisição da verdade – desejo de todo filósofo – pois, suas necessidades e paixões distancia o homem do conhecimento puro. A única forma do homem chegar ao conhecimento seria se distanciando do corpo por meio da morte, o que justifica a tranquilidade de Sócrates ao esperar sua execução em *Fedon*.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, M. **Introdução a história**. [S.l.]: Publicações Europa - America, 1974.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo. Martins Fontes, 1986.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- PLATÃO. A república. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.
- PLATÃO. Fédon. Disponível em: <http://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf>
Acesso: 30/08/2016 as 10h 15min
- PLATÃO. Mênon. Rio de Janeiro: Unirio, 2001.